ISSN: 2358-8829

A POÉTICA NARRADA NA OBRA INDÍGENA METADE CARA, METADE MÁSCARA

Eliane de Freitas Silva [1]

INTRODUÇÃO

O Estudo das literaturas realizadas por autores indígenas nas produções literárias brasileiras são evidenciados de forma que as narrativas podem: ser o período clássico, que se refere à tradição oral (coletiva) que perpassa os períodos históricos com as narrativas míticas, como as narrativas dos povos Pemons, Macuxis, So'tos, que influenciaram as produções literárias canônicas no Brasil (Sá, 2012) e o período contemporâneo, como as narrativas de Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Yaguarê Yamã, Ren~e Kithãulu e Olívio Jekupé, baseado na escrita individual e coletiva que se manifesta na poesia e na "contação de histórias" com base também nas narrativas míticas e nas experiências individuais e coletivas no cotidiano desses povos, entrelaçando também com a narrativa ficcional (Graúna, 2013).

A autora da obra Metade cara, metade máscara é considerada a primeira mulher indígena a escrever uma obra com características contemporâneas, entre elas: a Luta dos povos indígenas pelo direito a sua identidade, a migração indígena forçada, o ativismo índigena e os projetos sociais desenvolvidos nas comunidades indígenas. Em seu poema "Brasil" a escritora questiona o seu país com versos: "Que faço com a minha cara de índia? / E meus cabelos. / E minhas rugas. / E minha história. / E meus segredos?" Esses questionamentos são significativos para o desenvolvimento da cosmovisão do narrador contemporâneo. O Livro Metade cara, metade máscara foi publicado em 2004, e conta com uma grande quantidade de poemas, relatos e entrevistas de Eliane Potiguara e de outros indígenas. A ancestralidade presente na obra demonstra a importância do povo Potiguara que habitou o litoral do Nordeste brasileiro. Conforme Graça Graúna,

> O nome Potiguara, de origem Tupi, significa 'comedores ou catadores de camarão'. No século XVI, esse povo habitava o litoral do Nordeste brasileiro, mas em contato com o mundo dos 'brancos' veio a diáspora e os Potiguara se dispersaram entre o Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte e outros estados brasileiros. Hoje, grande parte dos remanescentes sobrevive nas 22 aldeias nos municípios Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, na Paraíba. (Graúna, 2013, p. 95)

[1] Graduanda do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - PE, elianesilva.cron22@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

A obra “Metade Cara, metade máscara” discute as lutas da população indígena brasileira, seus desafios, lutas por terra e resistência ao longo de séculos de exclusão social. Em trechos mais íntimos do livro, Eliane conta um pouco sobre a história das mulheres, de suas famílias e os desafios que elas encontraram como mulheres indígenas no nordeste do Brasil e apresenta ao leitor sua vivência de militância, afirmativas da sua identidade e a luta das mulheres indigenas na sociedade contemporânea.

REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura contemporânea caracteriza-se pela mistura de tendências narradas apartir do século XX, surgindo no Brasil na decáda de 60, tendo como exemplo a literatura de resistência na atualidade. Na proposta de elencar os elementos contemporâneos verificados através da cosmovisão da autora Eliane Potiguara em sua literatura Metade cara, metade máscara, esta pesquisa evidencia Ginsburg (2012), o qual cita a produção literária brasileira com ênfase na literatura brasileira contemporânea. Segundo Ginsburg,

> A produção literária brasileira, no período de 1960 ao presente, representa um desafio para a historiografia e a crítica literária que lidam exclusivamente com valores canônicos e periodização. Com maior ou menor reconhecimento pela crítica jornalística e acadêmica, algumas obras têm exigido novas perspectivas de análise e interpretação. Nos último anos, surgiram obras que lidam com temas socialmente complexos e, em alguns casos,controversos. (Ginsburg, 2012, p. 1)

A Eliane Potiguara incluí-se neste contexto de escrita, “[...]gosto de ser identificada sempre como indígena que é a força maior que eu tenho na minha família, que é minha identidade enquanto povo indígena, povo Potiguara de origem indígena potiguara” (Potiguara, 2009) Dizendo de outro modo, por mais que o romance contemporâneo procure se desvencilhar da organização espaço-temporal vinculada à literatura do século XIX – desmontando a ideia de unidade e da relação causa-efeito a partir da fragmentação, da colagem, da simultaneidade –, nem sempre suas personagens podem conviver com isso. É que, muito longe de toda teoria sobre a realidade e a nossa percepção dela, prosseguimos, na vida cotidiana, criando narrativas lineares, cronologicamente estruturadas, para darmos conta de nossa presença no mundo. Uma presença que envolve, basicamente, a experiência do tempo. (Dalcastagné, 2012)

A voz poética da Eliane Potiguara revela as “vozes” das mulheres indígenas através da cosmovisão da autora. Sua poética manifesta o amor, a família, a identidade etnico-racial e a resistência vivenciada pelas mulheres potiguaras. Segundo Caimi (2026, p.68) no livro, nos depararamos com um testemunho dos efeitos do colonialismo e da colonialidade na vida de Potiguara e na história dos povos originários, seus descendentes e, especialmente, as mulheres.

Potiguara denuncia a situação de vulnerabilidade, violência, e discriminação contra a mulher indígena, mas, ao mesmo tempo, dá visibilidade a um modo de ser e estar no mundo em que o empoderamento se manifesta no encontro, através da luta e da valorização da diferença, com uma identidade que lhe foi negada. (Caimi, 2026, p.68) Neste entendimento, a Teoria literária contribui na compreensão e análise da obra literária, pois conforme Cousseiro (2010,p.53) "não podemos reduzir o texto literário a um mero planfeto ideológico, devemos interrogar a obra como valor estético e não a ´cor do umbigo´ do autor." Cousseiro afirma:

> Não importa se a literatura é feminina, masculina ou neutra, importa que se constitua como linguagem estética e, como tal, faça surgir questionamentos universais sobre o ser e sua existência, para além de gêneros, classes ou etnias. (Cousseiro, 2010, p.53)

As manifestações literárias de autoria indígena rompem com o silenciamento secular dos povos marginalizados e possibilita uma polifonia de vozes dos excluídos. (Araújo e Dias, 2021, p. 121) A análise literária evidenciada neste artigo está embasada pelo livro *Literatura brasileira contemporânea: um território constestado* de Regina Dalcastagné (2012) a qual dispõe sobre o romance contemporâneo. Segundo a autora "o romance contemporâneo reforça, em seu interior, os inúmeros diálogos apontados por Bakhtin (1988 [1975], p. 72-163) como sendo próprios ao gênero. Diálogos que se estabelecem com a sociedade dentro da qual foi engendrada a obra, com sua história, sua cultura, com outras obras literárias, outros gêneros discursivos." (Dalcastagné, 2012, p. 3) A diversidade de narrativas contemporâneas, suas características e estratégias salientadas nos romances contemporâneos são descritos pela Regina Dalcastagné:

> Se a narrativa nos serve para dar um sentido à vida, para dar ordem ao tempo e escapar à morte, e se ela pressupõe sempre a existência daquele que ouve ou lê, sem o qual não poderia se efetivar, não há como deixar de se indagar quais recursos estão sendo utilizados pelo narrador para conquistar a atenção e, em última instância, a adesão de seu leitor. (Dalcastagné, 2012, p.12)

A poética presente no livro Metade cara, metade máscara desperta o imaginário utilizando imagens bucólicas da natureza, das aves, fauna e flora brasileira, recursos essencias da narrativa contemporânea, que conforme Regina Dalcastagné, integram a perspetiva da escritora no que concerne a adesão do leitor.

METODOLOGIA

Este artigo trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativa, do tipo bibliográfica, embasada nas normas da análise textual e da crítica literária. A obra analisada é o romance contemporâneo "Metade cara, metade máscara" (2004), de Eliane Potiguara. Com a

ISSN: 2358-8829

contribuição teórica de Regina Dalcastagné (2012), a qual contesta o romance contemporâneo e Jaime Ginsburg (2012), destaca o narrador na literatura brasileira contemporânea. A metodologia estruturou-se nos seguintes critérios de inclusão: (a) buscas nas bases de dados eletrônicas Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódicos CAPES utilizando os descritores [Narrador contemporâneo] e [Eliane Potiguara]; (b) levantamento e seleção de trabalhos disponíveis gratuitamente e (c) recorte temporal compreendido entre os anos de 2004 a 2026. E nos critérios de exclusão: (a) trabalhos publicados que não abordavam a temática do narrador contemporâneo; (b) anais de eventos incompletos ou resumo simples. A triagem foi fundamental para a confecção da amostragem evidenciada neste trabalho. A análise literária apresentada neste estudo seguiu a técnica de categorização temática, permitindo os diversos autores colaborarem com a sintese crítica dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra "Metade cara, metade máscara" foi escrita pela Eliane Potiguara, primeira mulher indígena da etnia potiguara a publicar um romance contemporâneo no ano de 2004. As abordagens inseridas em sua poética são a coletividade, a representatividade, a ancestralidade e a resistência. Estas característica das obras indígenas indicam aos leitores a luta dos povos originários em busca dos seus direitos coletivos. O livro de Eliane Potiguara, como literatura de resistência, ressalta a importância da literatura indígena para a compreensão da construção dos contextos sociais vivenciados na sociedade contemporânea. Sobre a obra verificamos que conforme Souza e Apontes (2021)

> Um livro pode ser apenas um texto pessoal. Mas no caso da produção dos autores indígenas, um livro nunca versa somente sobre o "eu", e sim sobre o "eu coletivo = nós", o eu-povo, eu-etnia, o grande "eu" que só se funda na identidade do "nós". Por isso, o livro é um testemunho dos caminhos enfrentados pelos povos indígenas no processo de tentativa de apagamento sistematizado de seu processo identitário.(Souza e Apontes, 2021, p.449)

O caminho trilhado pelos povos potiguaras desde o período colonial é o da resistência como podemos verificar nos versos de Potiguara. Em seu poema *Invasão* a narradora descreve a violência vivenciada pelos nativos no período colonial.

Invasão

Quem diria que a gente tão guerreira,

Fosse acabar um dia assim na vida.

Quem diria que viriam de longe

ISSN: 2358-8829

E transformariam teu homem
Em ração para as rapinas.
Quem diria que sobre os escombros
Te esconderias e emudecerias teu filho – fruto do amor.
Cenário macabro te é reservado.
Pra que lado tu corres,
Se as metralhadoras e catanas e enganos
Te seguem e te mutilam?
É impossível que mulher guerreira
Possa ter seu filho estrangulado
E seu crânio esfacelado!
Quem são vocês que podem violentar
A filha da terra
E retalhar suas entranhas?

(POTIGUARA, 2019, p. 33)

A poética indígena exprime em seus versos a ancestralidade cultivada como elemento central na construção da identidade dos povos originários, os quais estão inseridos em contextos sociais marcados pela exclusão social, discriminação e violência vivenciadas desde o período colonial, marcados pelos processos de aculturação e apagamento da cultura indígena. Segundo Lima (2022, p.411) "Eliane Potiguara utiliza-se da voz poética para a reescritura de uma narrativa há séculos conhecida, mas trilhando um outro caminho em que a voz do indígena desponta." As memórias e a ancestralidade apresentadas pela Eliane Potiguara são utilizados como métodos de acesso e aceitação da sua narrativa. Essas estratégias são primordiais para o "sucesso" dos romances contemporâneos, os quais são escritos na perspectiva de serem aprovados pelos leitores e a crítica literária. Conforme Regina Dalcastagné,

> Para entender a construção temporal da narrativa dos dias de hoje, é preciso lembrar que ela abarca os modos possíveis do homem e da mulher contemporâneos se situarem no mundo, representando a si e aos outros, estabelecendo uma identidade a partir do que tentam fazer, ou daquilo que alcançam dizer. (Dalcastagné, 2012, p.12)

O protagonismo dos povos originários é verificado na obra de Eliane Potiguara que não concorda com essa ideia de objetificação dos povos originários, conferindo-lhes protagonismo. São povos que têm como referencial "a tocha de ancestralidade" (2019, p. 97). Há, com isso,

uma percepção intuitiva, uma valorização da cultura, da tradição e da cosmovisão indígena. (Lima, 2022, p. 413) Circunstâncias determinantes na poesia da Eliane Potiguara são as suas próprias identidade e etnia. Ela como mulher indígena e de origem dos povos potiguaras narra memórias contando a luta do seu povo potíguara que por séculos sofreram com ações de políticas indigenistas, deslegitimação a posse da terra e dos direitos tradicionais dos grupos autóctones. O cenário significativo dos povos potiguaras é compreendido, pois

> O povo potiguara por muito tempo foi tido como extinto, como totalmente assimilado ou dizimado pela colonização. É possível perceber tal fato pela pouca produção sobre a etnia, e pela referência a esse povo sempre em relação ao passado. (Cunha, 2017, p.3)

A narradora em "Metade cara, metade máscara" ao relatar um contexto da sua ancestralidade convida ao leitor a uma reflexão relevante para a atualidade, entender o passado na perspectiva de modificar o presente e delinear um novo futuro. Jaime Ginsburg em seu livro *"O narrador na literatura brasileira contemporânea*" (2012) afirma que grupos sociais historicamente oprimidos elaboram, em novos autores, em narradores ficcionais, as condições para a presença dos excluídos. Escritores dispensados pelo cânone, grupos sociais reprimidos historicamente. (Ginsburg,2012, p.203) O autor expressa que a contemporaneidade tem apresentado situações que exigem a construção de novas teorias do narrador, diferentes das que foram construídas há várias décadas. Caberia à Teoria da Literatura uma renovação de vocabulário, perspectiva e metodologia, para confrontar o desafio de caracterizar o que mudou na construção de narradores, e em que se distinguem as formas recentes e as configurações tradicionais. (Ginsburg, 2012, p. 204)

A autora Eliane Potiguara propõe em sua literatura, a repensar a história do povo Potiguara através da reflexão evidenciada no poema "Terra",

> Quando eu vi as araras/ seus rabos azuis azul-real/só pôde bater forte o meu coração amante/pela minha terra verdinha./Eram araras de todos os tamanhos/ de tantos gritos/ de tantos gestos/ e bailavam pelos ares dando mil voltas e gracejos. /Elas beijavam e conversavam/ como os casais românticos /que juram amor eterno./ Eu te vi arara querida/VERDE – AMARELA – AZUL e BRANCA! /Te vi voando solta/Livre pelos ares./Eras tu mesma minha terra querida! (Potiguara, 2019, p. 148)

No poema "Terra" a formação identitária brasileira da autora está expressa nos versos "Quando eu vi as araras/ seus rabos azuis azul-real/só pôde bater forte o meu coração amante/pela minha terra verdinha." A representatividade e coletividade são elementos contemporâneos averiguados nos versos de Potiguara, pois a cosmovisão da narradora indica uma relação entre as culturas de pertencimento e a literatura de resistência. Os versos do poema Terra apresentam características da natureza através da cosmovisão da narradora. A exaltação da natureza associada a uma convivência harmônica com o homem são

ISSN: 2358-8829

caracteristicas do Romantismo, estilo de época do século XVIII. A narradora utiliza o Ufanismo (exaltação da natureza) como estratégia e recurso literário, na perspectiva de despertar a adesão do leitor a sua escrita. A literatura impulsiona uma discussão evidenciada por autores e estudiosos da obra de Potiguara, que são os personagens Jurupiranga e Cunhataí presentes na prosa ou nos poemas da autora. Jurupiranga e Cunhataí são, ao mesmo tempo, a configuração histórica da degradação da cultura indígena e a constante luta de preservação e memória de um povo marcado pela violência, racismo e intolerância e o *alter ego* identitário, político e existencial de Potiguara. (Caimi, 2026, p.76)

A temática família, amor e dor escrita pela Eliane Potiguara reproduz a mulher indígena como protagonista da sua história, A mulher em busca do seu amado representada pela Cunhataí nos remete a violência vivenciadas pelas indígenas no período colonial, mas nos faz refletir sobre as diversas formas de violência contra as mulheres na atualidade. Cunhataí vislumbra o novo, apesar de sua angústia, e quer saber onde está seu amor, desaparecido por ação do colonizador. Cunhataí sai pelas matas, pelos céus, pelos rochedos, pelas montanhas, pelos rios e pelos lagos buscando suas raízes fragmentadas e fragilizadas pelo colonizador de todos os tempos. (Potiguara, 2004, p.76) Afirmando os elementos contemporâneos desta obra através da cosmovisão da autora Eliane Potiguara, “Metade cara, metade máscara” prioriza a escrita alheia as formalidades das grandes obras literárias. “Na literatura recente, alguns escritores têm desafiado essa tradição, priorizando elementos narrativos contrários ou alheios à tradição patriarcal brasileira.” (Ginsburg, 2012, p.200) O livro é dedicado à Marcha das Mulheres Indígenas ocorrida no ano de 2019, em Brasília, e possui a apresentação de Ailton Krenak. Este grande intelectual indígena evidencia a importância da produção literária de MetadeCara, Metade Máscara como um marco na escrita feminina contemporânea indígena, assim como a relevância de Eliane Potiguara como herdeira de antigas tradições de afirmação étnica dos povos originários, com sua atuação em vários papéis para a resistência de seu povo. (Souza e Apontes, 2021, p.450)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narradora contemporânea presente na obra Metade cara, metade máscara (2004), Eliane Potiguara, elenca em seu romance contemporâeno a sua cosmovisão com base nas memórias e ancestralidade do povo potiguara, etnia a qual pertence. Em seus versos o leitor encontra a dedicação da narradora em descrever a violência vivenciada pelos povos

originários, a falta de políticas públicas eficientes e as memórias da colonização do povo potiguara. “Pode-se perceber que Potiguara concilia passado e presente, objetivando a harmonia e a união dos povos.” (Lima, 2022) A contextualização útil exposta na literatura de Potiguara refere-se ao protagonismo indígena através das vozes femininas representadas nos personagens. A formação identitária da sua etnia e brasilidade é uma abordagem características de quem protagoniza a sua própria história.

Nos resultados apresentados neste trabalho, verificamos que a obra de Eliane Potiguara aborda uma temática que por muitos anos não despertava o interesse do público-alvo que são os leitores e estudiosos, porém, ao elencar elementos contemporâneos em sua literatura de resistência através da sua cosmovisão, Potiguara incentiva a produção literária tendo os povos originários como protagonistas da sua história. A resistência é uma realidade que defende as identidades, as culturas e as etnias para que elas tenham qualidade de vida e que seu modo de vida seja respeitado, pela diferença e especificidade. A cosmovisão indígena ressalta a biodiversidade como centro da vida, na qual o ser humano faz parte dela, pois tudo, de alguma forma, está conectado/interconectado como fios. (Souza e Apontes,2021, p.453) Conclui-se que a literatura indigena manifesta na obra Metade cara, metade máscara trata da luta e resistência indígena, através de personagens que abordam o protagonismo dos indígenas e das vozes das mulheres da etnia potiguara.

Palavras-chaves: Narrador contemporâneo, Poética indígena, Análise literária, Eliane Potiguara.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Naiara Sales. DIAS, Eveline Gonçalves. A afirmação identitária n as obras Metade Cara, Metade Máscara, de Eliane Potiguara, e Iracema, de José de Alencar. Revista Letras Raras, Campina Grande, v. 10, n. 4,p. 119-136,dez.2021 .DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.8415254

BLOOM, H. ***O Cânone Ocidental***: os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

CAIMI, Claúdia Luiza. Memória e identidade em Metade cara, metade máscara, de Eliane Potiguara. Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Coimbra, n. 45, p. 67-79, jan./jun,2026.

COUSSEIRO, Jacineide C. Travassos. Letras: Teoria Literária II/Jacineide C. Travassos Cousseiro. - Recife: UPE/ NEAD, 74 p., 2010.

CUNHA, Jéssica Emanuelli Pereira da. Metade cara, metade máscara: Uma afirmação das identidades etno-políticas da mulher indígena. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

DALCASTAGNÉ, Regina. O narrador e suas circunstâncias. **Literatura brasileira contemporânea:** um território contestado. Vinhedo / Rio de Janeiro: Editora Horizonte / Editora da Uerj, 2012.

DURÃO, Fábio Akcelrud. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. D.E.L.T.A., 31-especial, 2015.

GINZBURG, Jaime. O narrador contemporâneo na literatura brasileira. **Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane**, 2012. 199-221. Disponível em: https://riviste.unimi.it/index.php/tintas/article/view/2790/2999. Acesso em: 14 Novembro 2025.

GRAÚNA, G. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

LIMA, Débora Francisca de. Memória e ancestralidade em poemas de Metade cara, metade máscara, de Eliane Potiguara. Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 24, número 1, p. 408 - 422, 2022.

OLIVEIRA, Natália Sanson de Borba. Eliane Potiguara. Coleção Mulheres em sala de aula. Apoio Cnpq - Processo n. 404584/2021/7 Prorext UFRGS – Edital de Fomento 2023. Prof. Orientador Caroline Pacievitch. https://www.ufrgs.br/lhiste/wp-content/uploads/2022/06/eliane_digital_final2024.pdf Acesso em: 15 de Novembro de 2025.

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. São Paulo: Global, 2004.

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. 2 ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.

SÁ, Lúcia. Literatura da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012

SOUZA, Ketlen Lima de; APONTES, Selmo Azevedo. Um livro inteiro, "Metade cara, metade máscara": a poeticidade da dor retomada/reencontro em Eliane Potíguara. Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, Jul-Dez, v. 9, n.2, 2021.